

dignos do povo, das tradições e da honra desta nação.

Resta-nos, por fim, Sr. Governador dos paulistas, a confiança que depositamos no futuro de nossa pátria. Que os homens da revolução civil e militar sustentem o facho da vitória, sempre aceso, em defesa da honra e da dignidade do Brasil.

E por isso que o povo paulista, representado nesta Assembleia, presta a V. Exa., Sr. Governador, as homenagens nascentes dos nossos sentimentos democráticos e historicamente revolucionários, no sentido da integração nacional, na verdadeira ordem, resultante da liberdade com Deus.

Queira, portanto, V. Exa., Sr. Dr. Adhemar de Barros, ilustre e digno Governador dos paulistas receber as homenagens da Assembleia Legislativa de São Paulo, como a mais alta e significativa manifestação que lhe presta o próprio povo paulista. (Palmas prolongadas).

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o ilustre Governador de São Paulo, homenageado desta Casa, Dr. Adhemar de Barros. (Palmas).

O SR. ADHEMAR DE BARROS — (Sem revisão) — Sr. Presidente, Srs. deputados ilustres senhores oficiais gerais do Exército, Generais Campelo, Aluísio e Bandeira, ilustre Presidente da Câmara Municipal, senhor representante do General Amaury Kruei, do Brigadeiro Márcio, ilustre Presidente do Tribunal de Alçada, Srs. deputados federais, membros da Mesa, Da. Leonor, povo de São Paulo. Eu sou muito grato recebendo esta homenagem dos representantes do povo paulista nesta Casa que foi minha anos atrás, onde formei a minha consciência cívica, o meu espírito democrático, após aquela gloriosa popéia de 32. Sou muito grato, repito, pela vossa presença, pela presença dos meus ilustres Secretários de Estado, de toda a primeira linha que constitui a alta administração de São Paulo, de todas as ferrovias, Banco do Estado, Caixa Econômica, órgãos autárquicos do Estado, neste dia tão grato ao meu coração, em que, sem tempo material para poder me preparar e responder as palavras do vosso ilustre intérprete, o deputado Wilson Lapa, eu venho apenas, como sempre, usando da palavra para exprimir o meu pensamento sem querer ocultar coisa alguma, para alguns momentos de um diálogo franco, cordial entre nós, os poderes do Estado, o Legislativo, o Judiciário e nós, o Poder Executivo. Que beleza para nós, passada a refrega, sentirmos que São Paulo, o nosso Estado, a nossa terra, terra onde estão os nossos antepassados, a qual estamos presos, sentir que São Paulo não sofreu nenhum abalo que lhe perturbasse a vida, antes, pelo contrário.

Ainda ontem, numa visita de inspeção às obras do porto de Santos, esse porto que, quando trabalha, 1 milhão e meio de dólares por dia, ao Tesouro Nacional, e 500 milhões de cruzeiros por dia ao Tesouro Estadual, eu pude ver, com grande alegria para o meu coração, que, como nos velhos tempos, Santos atingiu nestes últimos dias, uma eficiência de 100%!

Eu me recordei, no ano passado, a preocupação desse esteio da nossa economia que é Santos, quando eu queria fazê-lo funcionar uma hora a mais além das 8 horas de praxe, quando quis organizar a segunda turma de 8 horas, porque percorrendo o canal ou voando sobre o canal eu via no estuário 100 a 110 navios à espera de atracação para embarque e desembarque. Santos atingiu ontem a 98% de eficiência! Está funcionando, agora, como não funcionou jamais na nossa história. E é um prazer que tenho em transmitir que esta revolução, aquele movimento armado, era apenas de defesa, defesa dos princípios, e que em tão poucos dias a ordem, o trabalho, a segurança de trabalho, a justiça do trabalho, tudo funcionou.

Primeiro de abril, horas depois do nosso rompimento, coagidos que fomos, a cortar as relações com o poder central da República, não parou uma fábrica, uma oficina, uma fazenda, uma escola. São Paulo foi realmente a maravilha que nos esperávamos, terra da qual tanto nos orgulhamos.

Srs. deputados, agradecendo a homenagem de V. Exas., eu posso concordar, posso, como amigo, como admirador que sou do Legislativo, porque ainda o ano passado, e este ano, quando o Legislativo nacional sofria o impacto de uma ameaça, encontrava ele, aqui em São Paulo, como esteio da sua garantia, nós o governo paulista.

Quantas vezes oferecemos ao presidente do Senado, Sr. Auro de Moura Andrade e ao presidente da Câmara Federal, deputado Ranieri Mazzilli, a oportunidade de virem para cá, pois que aqui teriam a segurança e garantia necessárias para o desempenho das suas funções. Dei a eles, de vez que o o Congresso Nacional era o esteio do regime (palmas prolongadas) a garantia que fosse possível oferecer aos Legislativos nacionais. E neste momento, aqui compareço, para homenageá-los também.

Srs. deputados, eu sou uma dessas criaturas, cuja formação moral e espiritual, talvez desde o berço, talvez antes do berço, por episódios que nós desconhecemos, aos 20 dias de idade, colocado na pia baptismal faz com que o vigário de Aparecida do Norte, em o nosso Santuário pergunte à minha santa mãe: Onde estão os padrinhos? Como se eu estivesse ouvindo ou tivesse a consciência para compreender e minha mãe respondeu: não tem padrinhos viemos entregá-la à Padroeira do Brasil.

Pois bem, meus caros deputados de São Paulo, concordo com muita coisa gentil, agradável que vosso ilustre intérprete Wilson Lapa declarou a instituições, menos com uma coisa. Permita-me, peço-me. Não houve nem general, nem marechal da vida,

meu caro. Tenho lhes dito diversas vezes que minha consciência me diz que nós cumprimos nosso dever. Que é que Deus nos pede? E lutar. Que é que Deus nos pede? E semear. Ele não nos manda colher. Ele nos pede para trabalhar.

A minha preocupação o ano passado, quando enfrentamos 492 greves, das quais 93 violentas, foi a de preparar o Estado, organizar o Estado, inclusive já lhes disse, como aos ilustres oficiais gerais que aqui se encontram, que eu realmente me preparei para defender o Estado, inclusive pelas armas. Não estava em nós o desejo de depor a quem quer que seja. Não queríamos nós fazer revolução. Não. Nada disso nos passou pelo espírito. Mas depois os acontecimentos se sucederam. Depois de 13 de março, depois da Marcha da Mulher Paulista, dia 19 de março, depois dos golpes dolorosos que o Poder Central infligiu a nossa gloriosa Marinha de Guerra, (palmas) vimos que não havia mais lugar para nós dois neste cenário. O Brasil era muito pequeno para duas filosofias. A nossa, da liberdade, da democracia, e a filosofia comunista. Nós não tínhamos mais dúvidas do nosso destino. Para quem não assistiu, ou quem quiser assistir, guardo nos meus arquivos ainda a palavra de Luiz Carlos Prestes, dita à televisão de São Paulo, ao rádio e à imprensa. Ele declarava tão claramente: "Por que revolução comunista se o Governo é nosso? Por que fazê-la se o Governo nos pertence, se nós participamos dele?" Os arquivos estão mostrando que as nossas previsões estavam certas.

As criaturas que em 61, em agosto de 61, me convidavam para ser o chefe do Partido Comunista, num restaurante dos "Champs Elisees", em Paris, eu dizia: mas com que autoridade o senhor faz senelhança oferta? Por que a mim, o senhor faz essa oferta? Quem é o senhor para fazer essa oferta? Esses eram os donos da República. Esses eram os homens que mandavam. E o nosso Serviço Secreto nos mostrava que apenas antecipamos por horas nosso movimento. Mas nós estávamos preparados para lutar e, menos de 48 horas depois, vem um sopro, um sopro da Divina Providência, da Padroeira do Brasil (palmas) e acabou com tudo. Realmente Deus é brasileiro. Ele não queria derramamento de sangue. Foi evitado o derramamento. E nós, seus filhos, demos graças infinitas, porque nós, de consciência cristã pura, nós, filhos de Deus, seguidores do Divino Mestre, que temos a coragem de atravessar a cidade de São Paulo envergando a mais humilde das opas, a opa rocha, nós tivemos e temos a coragem de dizer que a vitória não foi nossa, foi grande demais. Srs. deputados, para que fosse nossa. A nós cabe apenas o mérito de nos termos preparado, de nos termos prevenido, de nos termos organizado.

Dias atrás, no Vale do Anhangabaú, fizemos as forças do estado, da capital e alguns destacamentos do interior, desfilar. Menos de seis mil homens, menos de 10% daquilo que preparamos, pois nem nós sabíamos onde teríamos que chegar. Viamos o exemplo da guerra civil espanhola, víamos o drama de Cuba, víamos a invasão do nosso território, encontrávamos armas em todos os lugares, movimentos de rebelião eclodiam no nosso país. E a vitória foi de Deus, foi do povo, foi da mulher, dessa mulher extraordinária (palmas!) que em 19 de março liderou a luta, porque a luta só se deflagra — perdemos-me os meus ilustres patriotas de São Paulo e do Brasil — depois que o pensamento invade o lar, só depois que atinge a família, só depois que a mulher se envolve é que as coisas se processam.

Por isso, eu venho aqui para dizer ao Poder Legislativo apenas desse merecimento, não por mim, que não estou dormindo sobre aquilo que é justo nem sobre os louros da vitória, que não nos pertence.

E agora que temos a felicidade de contar com um poder central organizado, equilibrado, na pessoa do Mal. Castelo Branco (palmas!), devemos todos nós conferir um longo crédito de confiança ao governo. E quem lhes fala isto é uma criatura muito sincera, que na noite do dia 8 de abril, presidindo a uma reunião de 11 governadores, de líderes políticos do Congresso, de líderes partidários, teve a honra de ser incumbido de levar ao então Gal. Castelo Branco o convite para ser o nosso candidato, depois que respondesse a três interpeleções que iríamos fazer.

Logo de início eu disse ao candidato Castelo Branco que quem lhe falava fora vencido na escolha do candidato à Presidência. Aliás, isso não é novidade para ninguém aqui, como também para nenhum dos ilustres militares, do II Exército, nem para o povo paulista. Eu sempre considerei que a política deveria ser dos políticos e lutei tenazmente para que o candidato fosse um civil, fosse o Senador Auro de Moura Andrade (palmas!). Dava e dava o país dois administradores sérios a esse jovem paulista, o primeiro, foi em agosto-setembro de 1961. A outra foi agora, na noite da madrugada de 2 de abril quando declarou vago o cargo de Presidente da República. Mais fui vencido, eu o civilista, meus caros generais. Apresentei, então, o bravo chefe General Amaury Kruei que a Assembleia homenageou com toda a justiça. (Palmas.) Também não conseguimos unanimidade. Apresentei então o General Costa e Silva. Dia três em que esta Casa melhor informada, vai saber quem é esse bravo chefe, o atual Ministro da Guerra. Não quis aceitar. Todos nós examinamos o nome do ilustre General Castelo Branco aceito por unanimidade. Fomos até ele, fizemos as proposições aceitas em nome das forças políticas e foi declarado candidato, para ser eleito pelo Poder Legislativo Nacional. Tal episódio se passou antes horas da madrugada!

Srs. deputados, temos uma criatura que representa o equilíbrio, que representa a ponderação, o secretariado o espírito de legalidade. E agora lhe damos todo o apoio para que ele possa cumprir a tarefa, sem

as cicatrizes e trazer o mais depressa possível o País à ordem jurídica e à ordem legal.

Srs. deputados, se atentarmos bem para o episódio do Evangelho de Nosso Senhor — perdemos-me os ilustres prelados aqui presentes — vamos ver que dois apóstolos de Cristo traíram o Divino Mestre: um foi o próprio chefe, o Primeiro Santo Padre da terra, São Pedro. São Pedro negou três vezes o Divino Mestre, Judas traiu uma vez e definitivamente. Por que um foi reprovado e o outro foi perdoado? Porque um se arrependeu e o outro não se arrependeu.

Eu lhes digo isto para situar a nossa posição neste momento de luta. Estamos abrindo as portas dos presídios, dos cárceres; estamos querendo curar as feridas; estamos querendo separar o joio do trigo; estamos querendo apurar as responsabilidades. Aquele que manifesta, mesmo mentiroso, um desejo de se arrepender, nós o mandamos embora. (Palmas.) Mas há criaturas que não querem, que continuam a insistir. Então vem o drama de um chefe que quer acima de tudo aquilo que é o seu programa: "A meta é o homem", é a criatura humana. Porque eu vejo, em cada criatura, uma centelha divina. Basta que o livre arbítrio não leve essa criatura para o lado da lá, para o lado do mal e nós todos poderemos nos entender.

Agradeço carinhosamente a vossa homenagem. Agradeço a presença de todos vós, homens da Capital e do Interior, dos ilustres prelados, dos chefes militares, dos ilustres deputados federais, do representante do Comando da 4ª Zona Aérea, do ilustre, Presidente da Câmara Municipal, do Presidente do Tribunal de Alçada e a todos os presentes, para dizer que não quero nada. Não estou interessado em nada. E' tão séria e delicada a situação de um homem, na minha posição, que todas as noites rezo, peço à Deus que me ajude a esclarecer, que me elucide para permitir que eu possa ser justo e ser humano. (Muito bem! Muito bem! Palmas prolongadas.)

Nesse instante, em que a história está se escrevendo, dia três, e muito breve, quando nos tivermos tempo para divulgar toda a história do movimento armado. Então, meu caro deputado Wilson Lapa, realmente houve um merecimento: aquele de nós, caboclos, filhos da Sorocabana e barranqueiros do Piracicaba, que, desde criança, aprendemos que é preciso vigiar, que é preciso orar. E nós estivemos vigilantes, e nós estivemos preparados, e foi graças a esse preparo que o Brasil pôde contar com os dispositivos da reação com a luta vitoriosa agora. Foi graças a São Paulo, mas São Paulo não quis nada, São Paulo não quer nada e o Governador nada pediu para si a não ser um posto na trincheira da lei, da legalidade em que continue a lutar pelos objetivos desta revolução que não são apenas o combate aos vermelhos, em aos cor-de-rosa, mas contra a corrupção moral que há pouco andava desenfreada, pela mentira e pela falsidade.

Meus caros patriotas, ilustres deputados estaduais.

Eu comecei a minha carreira na velha Assembleia Legislativa, em 1934, ao tempo que, ao cabo de dois anos de mandato, achávamos que estávamos ganhando muito pouco. Fizemos um requerimento à Mesa pedindo uma ligeira melhoria e essa melhoria veio, com grande alegria para todos nós; ao invés de dois contos e duzentos mil reis, passamos, depois no terceiro ano, a dois contos e trezentos mil reis. (Risos)

Que época feliz aquela que, com apenas dois mil e poucos cruzeiros, trabalhávamos os representantes, do povo com esse mesmo espírito e afã, com essa mesma disposição com que, anos depois, ao dobro daquela época, quando nos começamos a caminhar de 32, em 1964, vimos São Paulo lutando, dia e noite, pela grandeza da Pátria comum.

Meu caro Presidente e meus caros Srs. deputados, renovo os meus agradecimentos. Lamento não me tenha preparado. Não tive tempo, por causa das coisas tumultuadas em que vivemos. Mas recebam o meu afeto, e que Deus permita que V. Exas. compreendam que ele é sincero, que ele é honesto, honesto de propósitos. Eu não tenho outro desejo senão permitir à dignidade humana que se apresente, a valorização da personalidade do indivíduo. Não tenho outro interesse a não ser que a democracia me permita continuar atuando até o final do nosso mandato. Quero, mais adiante, entregá-lo nas mesmas condições em que recebi, com o mesmo espírito de tolerância e de amor e que Deus permita que eu possa, ao sair dos Campos Eliseos (aliás, dos Campos Eliseos saíram antes dessa hora, porque vamos mudar o Palácio para o Morumbi. (Risos) eu quero entregar a quem de direito, a quem este grande povo escolher, a fim de que, possa ser sereno e tranquilo voltar para casa.

Srs. deputados, muito grato. Boa sorte.

Para frente e para o Alto. (Palmas prolongadas.)

O SR. PRESIDENTE — Ilustres e dignas autoridades militares, civis e religiosas, muito estimada primeira dama paulista, Da. Leonor Mendes de Barros, ilustre homenageado, Governador do Estado de São Paulo, Dr. Adhemar de Barros, minhas senhoras, meus senhores, nobres Srs. deputados, sr. funcionários do Parlamento, paulistas e brasileiros!

A Presidência do Poder Legislativo de São Paulo, deseja associar-se às homenagens prestadas por esta Assembleia, através dos representantes do povo, a S. Exa. o Sr. Governador do Estado. E o faz de forma prazerosa, ciente de que está absolutamente tranquila, com os ditames da verdade, do direito e, sobretudo, da justiça.

Quando, nos primórdios de 1963, era a Presidência da Casa convidada a comparecer ao Palácio dos Campos Eliseos, já aquela altura o Sr. Governador de São Paulo advertia ao Chefe deste Poder do Estado, de que se urdia, em nossa Pátria, um processo revolucionário, já sem disfarces e já, aquela época, altamente comprometedor, e que, como poder desarmado, cabiam-lhe redobradas vigilâncias, para que não fosse alcançado pelos designios daqueles que haveriam de procurar incompatibilizá-lo com o povo.

Afirmava, então, o ilustre Governador de São Paulo, que, Chefe do Poder Executivo, iria mobilizar os recursos do Estado, para que pudesse transformar São Paulo num Estado fortalecido, garantidor portanto das liberdades e da democracia em nossa Pátria. E durante o decorrer de todo o ano de 1963, reiteradas vezes, fomos chamados aos Campos Eliseos, para que pudessemos ficar ao par do processo que caminhava, através de idéias-forças, e pelo qual procuravam, os comunistas-totalitários, sensibilizar a opinião pública brasileira. E felizmente, dentro deste espírito de vigilância, pudemos assistir a um desenrolar feliz, de um episódio bélico que poderia ter consequências imprevisíveis, enlutando lares paulistas e brasileiros.

De nossa parte procuramos cumprir com nosso dever, através visitas a mais de duzentos municípios, levando a palavra de confiança no parlamento, na democracia e ao mesmo tempo a advertência da ameaça comunista.

É bem verdade ilustre Governador — e V. Exa. o afirmou aqui de forma humana e corajosa — que devemos essa vitória a aqueles designios que de uma predestinação histórica do Brasil já consagrou, qual seja a imensa proteção, de Deus. Mas, Sr. Governador, nesta oportunidade, devemos fazer apenas uma indagação, concordamos inteiramente com as afirmações de V. Exa.: que, se em outubro de 1962, não fosse V. Exa., eleito Governador do nosso Estado, o desfecho dessa revolução talvez não fosse aquele que consultou ao espírito de tranquilidade e de paz de todos os brasileiros! (Palmas). Qualquer descuido, qualquer conivência, qualquer tibieza do governo, de São Paulo, poderia ser fatal à Democracia brasileira!

A vigilância de V. Exa., a coragem pessoal de V. Exa., jamais desmentida, chegando mesmo a cortar relações com o responsável pelos destinos de nossa Pátria no exato momento em que V. Exa. reconhecia que as liberdades humanas estavam comprometidas, o comportamento de V. Exa., através de viagens constantes aos mais longínquos rincões da Pátria, despertando consciências civis e militares, para que se preparassem, concorreu, ilustre Sr. Governador, de forma sentida para o êxito dessa operação que se convencionou chamar de guerra revolucionária para a constitucionalização do Brasil.

V. Exa. foi o instrumento; V. Exa. esteve à altura das honras e dignas tradições do povo paulista, no momento mais difícil e delicado da história pátria. Por isto, este mesmo povo, ilustre Governador do Estado, nesta tarde, presta a V. Exa. esta sentida e autêntica homenagem a que esta Presidência se associa prazerosamente. (Muito bem, Palmas).

Devendo o Sr. Governador do Estado retirar-se para o Gabinete da Presidência, convido os Srs. líderes de bancadas a acompanharem S. Exa.

— Acompanhado dos Srs. líderes, deixa o recinto, sob salva de palmas, o Sr. Governador do Estado.

O SR. PRESIDENTE — Antes de encerrar a presente sessão solene, a Presidência convoca os Srs. deputados para a sessão ordinária das 17 horas, com a Ordem do Dia já anunciada.

Está encerrada a presente sessão solene.

— Nada mais havendo a tratar, levantamos a sessão.

AVISO

Acham-se à venda na Imprensa Oficial do Estado, à Rua da Glória n. 316, os impressos referentes ao Decreto n. 38.411, de 9 de maio de 1961, que regulamenta a concessão do adicional por tempo de serviço.

		CR\$
Modelo 38 — I.O.E. (mod. 1) "TEMPO DE SERVIÇO" —		
Bloco de 100 fls.		170,00
Modelo 39 — I.O.E. (mod. 2) "RELAÇÃO DOS SERVIDORES" —		
Bloco de 100 fls.		155,00